

**GEORGE
ORWELL**

**NA PIOR
EM PARIS
E LONDRES**

Tradução
Pedro Maia Soares

Posfácio
Sérgio Augusto

2ª edição



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 1933 by Eric Blair

Copyright do posfácio © 2006 by Sérgio Augusto

Publicado originalmente por Victor Gollancz, em 1933.

Tradução feita a partir da edição de 2003 da Penguin Books, de Londres

(© Espólio de Sonia Brownell Orwell).

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Título original | Down and out in Paris and London

Indicação editorial | Daniel Piza

Capa | Kiko Farkas e Mateus Valadares/ Máquina Estúdio

Foto de capa | < completar >

Preparação | Maria Cecília Caropreso

Revisão | Isabel Jorge Cury e Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Orwell, George, 1903-1950.

Na pior em Paris e Londres / George Orwell ; tradução Pedro Maia Soares ; posfácio Sérgio Augusto. — 2ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2006.

Título original: Down and out in Paris and London

ISBN 978-85-359-2160-1

1. Jornalismo 2. Londres (Inglaterra) – Condições sociais 3. Paris (França) – Condições sociais 4. Pobres – França – Paris 5. Pobres – Inglaterra – Londres I. Augusto, Sérgio. II. Título.

06-4687

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura inglesa 823

[2012]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

11 Na pior em Paris e Londres

Posfácio

241 A opção pelos pobres — Sérgio Augusto

1.

Rue du Coq d'Or, Paris, sete da manhã. Uma sucessão de gritos furiosos, engasgados vem da rua. Madame Monce, que cuida do pequeno hotel que fica em frente ao meu, saiu na calçada para falar com uma hóspede do terceiro andar. Seus pés sem meias estão enfiados em tamancos e seus cabelos grisalhos escorrem soltos.

Madame Monce: “*Salope salope!* Quantas vezes já falei para não esmagar percevejos no papel de parede? Você se acha dona do hotel, é? Por que não joga os percevejos pela janela, como todo mundo? *Putain! Salope!*”.

A mulher do terceiro andar: “*Vache!*”.

Logo em seguida, um variado coro de berros, enquanto janelas se abrem por toda parte e metade da rua entra na discussão. Dez minutos depois, calam-se abruptamente, quando um esquadrão de cavalaria passa pela rua e as pessoas param de gritar para vê-lo.

Esboço essa cena apenas para transmitir um pouco do espírito da Rue du Coq d'Or. Não que altercações fossem a única coisa que acontecia ali — mas, mesmo assim, era raro passar uma manhã sem ao menos uma cena como a descrita. Bate-bocas e pre-

gões desolados de vendedores ambulantes, a gritaria das crianças correndo atrás de cascas de laranja pelas pedras arredondadas do calçamento e, à noite, a cantoria alta e o fedor ácido dos carros de lixo compunham a atmosfera da rua.

Era uma rua muito estreita — um desfiladeiro de casas altas e leprosas, inclinadas umas em direção às outras de modo estranho, como se tivessem sido congeladas enquanto ruíam. Todas as casas eram hotéis, apinhados até o teto de hóspedes, em sua maioria poloneses, árabes e italianos. No térreo dos hotéis havia bistrôs minúsculos, onde se podia ficar bêbado pelo equivalente a um xelim. Nas noites de sábado, cerca de um terço da população masculina do bairro se embebedava. Havia brigas por causa de mulheres, e os trabalhadores braçais árabes que moravam nos hotéis mais baratos costumavam levar adiante rixas misteriosas e travá-las com cadeiras e, ocasionalmente, revólveres. À noite, os policiais só passavam pela rua em duplas. Era um lugar bem turbulento. Não obstante, em meio ao barulho e à sujeira, viviam os costumeiros comerciantes franceses respeitáveis, padeiros, tintureiros e assemelhados, quietos na deles e acumulando em surdina pequenas fortunas. Era um bairro parisiense miserável bastante característico.

Meu hotel se chamava Hôtel des Trois Moineaux. Um pardieiro escuro e inseguro de cinco andares, com quarenta quartos separados por divisórias de madeira. Eram quartos pequenos e cronicamente sujos, pois não havia criadas, e Madame F., a *patronne*, não tinha tempo para limpar nada. As paredes eram finas como caixas de fósforos e, para esconder as rachaduras, haviam sido recobertas por camadas e mais camadas de papel cor-de-rosa, que se soltava e abrigava incontáveis percevejos. Perto do teto, longas filas desses insetos marchavam o dia inteiro, como colunas de soldados, e à noite caíam sobre nós com um apetite devastador, de tal modo que precisávamos levantar de tempos em tempos e matá-los aos

magotes. Às vezes, quando os percevejos eram demais, os hóspedes costumavam queimar enxofre e espantá-los para o quarto ao lado; então, o inquilino vizinho revidava, enxofrava o seu quarto e mandava os percevejos de volta. Era um lugar sujo mas acolhedor, pois Madame F. e seu marido eram boa gente. O aluguel dos quartos variava entre trinta e cinquenta francos por semana.

Os hóspedes eram uma população flutuante, estrangeiros na maioria, que costumavam aparecer sem bagagem, ficar uma semana e desaparecer de novo. Eram de todos os tipos: sapateiros, pedreiros, canteiros, trabalhadores braçais, estudantes, prostitutas, trapeiros. Alguns eram incrivelmente pobres. Em um dos sótãos vivia um estudante búlgaro que fazia sapatos chiques para o mercado americano. Ficava sentado na cama das seis ao meio-dia, fazendo uma dezena de pares de sapatos para ganhar 35 francos; no resto do dia, frequentava palestras na Sorbonne. Estudava teologia, e os livros se espalhavam pelo chão repleto de pedaços de couro. Em outro quarto, moravam uma mulher russa e seu filho, que se dizia artista. A mãe trabalhava dezesseis horas por dia cerzindo meias a 25 cêntimos o pé, enquanto o filho, decentemente vestido, vadiava pelos cafés de Montparnasse. Um dos quartos era alugado para dois inquilinos: um trabalhava de dia, o outro à noite. Em outro quarto, uma viúva dividia a mesma cama com as duas filhas crescidas, ambas tuberculosas.

Havia tipos excêntricos no hotel. Os bairros pobres de Paris são ponto de encontro de pessoas excêntricas — gente que caiu em trilhas solitárias e meio malucas da vida e desistiu de tentar ser normal ou decente. A pobreza as liberta dos padrões usuais de comportamento, assim como o dinheiro liberta as pessoas do trabalho. Alguns hóspedes de nosso hotel levavam vidas indescritivelmente curiosas.

Lá estavam os Rougier, por exemplo, um casal velho e naniço que se ocupava de um comércio extraordinário. Costumavam

vender cartões-postais no bulevar St. Michel. O curioso é que os vendiam em pacotes fechados, como se fossem pornográficos, mas na verdade eram fotografias de castelos da região do Loire; os compradores só descobriam isso tarde demais e, é claro, jamais reclamavam. Os Rougier faturavam uns cem francos por semana e, com uma economia rígida, conseguiam estar sempre meio famintos e meio bêbados. A imundície do quarto deles era de tal ordem que se sentia o mau cheiro no andar de baixo. De acordo com Madame F., fazia quatro anos que eles não tiravam suas roupas.

Havia também Henri, que trabalhava nos esgotos. Era um sujeito alto e melancólico, de cabelos crespos, com certo ar romântico em suas longas botas de trabalho. A peculiaridade de Henri era não falar por dias a fio, exceto por motivos de trabalho. Havia apenas um ano, tinha um bom emprego de motorista e vinha guardando dinheiro. Um dia, apaixonou-se e quando se viu rejeitado pela garota perdeu o controle e deu-lhe um chute. Ao levar o pontapé, a garota se apaixonou desesperadamente por Henri e, por quinze dias, viveram juntos e gastaram mil francos das economias dele. Então, a garota foi infiel; Henri enfiou-lhe uma faca no braço e foi parar na prisão por seis meses. Assim que foi esfaqueada, a garota ficou mais apaixonada que nunca, os dois fizeram as pazes e resolveram que, quando saísse da cadeia, Henri compraria um táxi, eles se casariam e iriam morar juntos. Mas, quinze dias depois, a garota foi infiel de novo, e quando Henri saiu da prisão ela estava grávida. Henri não a esfaqueou novamente. Tirou todo o dinheiro da poupança, desandou a beber e acabou na cadeia por mais um mês. Depois disso, foi trabalhar nos esgotos. Nada o fazia falar. Se lhe perguntavam por que trabalhava nos esgotos, não respondia, apenas cruzava os pulsos, para dizer algemas, e apontava com a cabeça na direção da prisão. A má sorte parecia tê-lo deixado abobado em um único dia.

Havia ainda R., um inglês que vivia seis meses por ano em Putney, com os pais, e seis meses na França. Na temporada francesa, bebia quatro litros de vinho por dia e seis litros aos sábados. Certa vez, fora até os Açores, porque lá o vinho era mais barato do que em qualquer lugar da Europa. Era um sujeito gentil, domesticado, jamais grosseiro ou encenqueiro, e jamais sóbrio. Ficava na cama até o meio-dia, e daí até a meia-noite instalava-se no seu canto do bistrô, embebedando-se com tranquilidade e método. Enquanto entornava, conversava com uma voz feminina e refinada sobre mobiliário antigo. Com exceção de mim, R. era o único inglês no bairro.

Havia muitas outras pessoas que levavam uma vida tão excêntrica quanto aquelas: o sr. Jules, o romeno, que tinha um olho de vidro, mas não admitia; Fureux, o canteiro limosino; Roucolle, o sovina — mas ele morreu antes da minha época; o velho Laurent, negociante de trapos, que costumava copiar sua assinatura de um pedaço de papel que carregava no bolso. Seria divertido escrever algumas dessas biografias, se alguém tivesse tempo. Tento descrever as pessoas de nosso bairro não por mera curiosidade, mas porque fazem parte dessa história. A pobreza é o meu tema, e foi nesse bairro miserável que tive meu primeiro contato com ela. O bairro pobre, com sua imundície e suas vidas bizarras, foi minha primeira lição prática de pobreza e, depois, o pano de fundo de minhas experiências. É por esse motivo que tento dar uma ideia de como era a vida ali.

*

2.

A vida no bairro. Nosso bistrô, por exemplo, no térreo do Hôtel des Trois Moineaux. Uma minúscula sala com piso de tijolos, meio subterrânea, com mesas encharcadas de vinho e a fotografia de um enterro com a legenda “*Crédit est mort*”; e trabalhadores com faixas vermelhas na cintura cortando linguiças com grandes canivetes; e Madame F., uma esplêndida camponesa do Auvergne com o rosto de uma vaca resoluta, bebendo Malaga “para o estômago” o dia inteiro; e jogos de dados como aperitivo; e canções sobre “*Les fraises et les framboises*” e sobre Madelon, aquela que disse: “*Comment épouser un soldat, moi qui aime tout le régiment?*”; e namoros extraordinariamente públicos.

Ouviam-se conversas esquisitas no bistrô. Como amostra, dou-lhes a fala de Charlie, uma das curiosidades locais.

Charlie era um jovem de boa família e educação que fugira de casa e vivia de mesadas ocasionais. Imaginem-no muito rosado e jovem, com as bochechas viçosas e os cabelos macios e castanhos de um garotinho bonitinho e lábios excessivamente vermelhos e úmidos como cerejas. Seus pés são minúsculos, os braços, anormalmente curtos, as mãos têm covinhas, como as de um bebê.

Tem um jeito de dançar e saltitar enquanto fala, como se estivesse tão feliz e cheio de vida que não pudesse ficar quieto um minuto. São três da tarde e não há ninguém no bistrô, exceto Madame F. e um ou dois desempregados, mas para Charlie não importa com quem conversa, desde que possa falar de si mesmo. Discursa como um orador numa barricada, enrolando as palavras na língua e gesticulando com seus braços curtos. Os olhos pequenos e um tanto porcinos brilham de entusiasmo. De certa forma, é profundamente desagradável vê-lo.

Está falando de amor, seu tema preferido.

“Ah, *l’amour, l’amour! Ah, que les femmes m’ont tué!* Infelizmente, *messieurs et dames*, as mulheres foram minha ruína, irremediavelmente minha ruína. Aos 22 anos, estou totalmente gasto e acabado. Mas quanta coisa aprendi, em que abismos de sabedoria não despenquei! Que coisa formidável é adquirir a verdadeira sabedoria, tornar-se, no mais elevado sentido da palavra, um homem civilizado, tornar-se *raffiné, vicieux* etc. etc.

“*Messieurs et dames*, percebo que vocês estão tristes. Ah, *mais la vie est belle* — não devem ficar tristes. Sede mais alegres, eu vos imploro!

*Fill high ze bowl vid Samian vine,
Ve vil not sink of semes like zese!**

“Ah *que la vie est belle!* Escutem, *messieurs et dames*, com a plenitude da minha experiência vou discursar sobre o amor. Explicar-vos-ei qual o verdadeiro sentido do amor — qual a verdadeira sensibilidade, o deleite mais alto e refinado que somente é conhecido pelos homens civilizados. Contar-vos-ei sobre o dia mais feliz

* Versos de Byron ditos em inglês com sotaque francês: “Encha bem a taça com vinho de Samos./ Não pensemos em temas como esse!”. (N. T.)

de minha vida. Infelizmente, já se foi o tempo em que eu podia conhecer tal felicidade. Foi-se para sempre — a própria possibilidade, até mesmo o desejo de senti-la, foram-se.

“Escutem, então. Foi há dois anos; meu irmão estava em Paris — ele é advogado — e meus pais lhe pediram que me encontrasse e me levasse para jantar. Nós nos odiamos, meu irmão e eu, mas ele preferiu não desobedecer a meus pais. Jantamos e, durante o jantar, ele ficou muito bêbado com três garrafas de Bordeaux. Levei-o de volta ao hotel e, no caminho, comprei uma garrafa de conhaque; quando chegamos, fiz meu irmão beber um copo inteiro — disse-lhe que era uma coisa para deixá-lo sóbrio. Ele bebeu o conhaque e imediatamente caiu no chão, como que desmaiado, totalmente bêbado. Ergui-o e o encostei na cama; então, revistei seus bolsos. Encontrei mil e cem francos, peguei-os, descí correndo as escadas, tomei um táxi e fugi. Meu irmão não sabia meu endereço — eu estava salvo.

“Aonde vai um homem quando tem dinheiro? A bordéis, naturalmente. Mas vocês pensam que eu perderia meu tempo em algum antro vulgar, adequado apenas a operários? Não me confundam, sou um homem civilizado! Eu era fastidioso, *exigeant*, entendem, com mil francos no bolso. Já era meia-noite quando finalmente achei o que procurava. Eu havia encontrado um jovem muito inteligente de dezoito anos, vestido *en smoking* e com os cabelos cortados *à la américaine*, e ficamos conversando num bistrô tranquilo, longe dos bulevares. Entendemo-nos muito bem, aquele jovem e eu. Conversamos sobre isso e aquilo e discutimos maneiras de nos divertir. Logo tomamos um táxi juntos e partimos.

“O táxi parou numa rua estreita e solitária com uma única lâmpada a gás tremeluzindo no final. Havia poças escuras entre as pedras. De um lado, estendia-se a parede alta e sem janelas de um convento. Meu guia conduziu-me a uma casa alta e arruinada, com janelas fechadas por tapumes, e bateu várias vezes na

porta. Ouviu-se então o som de passos e o estrépito de ferrolhos, e a porta entreabriu-se. Uma mão grande e deformada saiu pela fresta e manteve a palma aberta diante de nossos narizes, exigindo dinheiro.

“Meu guia pôs o pé entre a porta e o batente. ‘Quanto você quer?’, perguntou.

“‘Mil francos’, disse uma voz de mulher. ‘Paguem tudo agora ou não entram.’

“Pus mil francos na mão e dei os cem restantes ao meu guia; ele disse boa-noite e me deixou. Escutei a voz lá dentro contando as notas e depois uma velha magra e toda de preto, como um corvo, pôs o nariz para fora e me olhou com suspeição antes de me deixar entrar. Estava muito escuro lá dentro; eu não conseguia ver nada, exceto um bico de gás que iluminava um pedaço de parede de gesso, deixando todo o resto numa sombra profunda. Havia um cheiro de rato e poeira. Sem dizer palavra, a velha acendeu uma vela no bico de gás, depois coxeou à minha frente por um corredor de pedra até o alto de um lance de degraus de pedra.

“‘Voilà!’, disse; ‘desça ao porão e faça o que quiser. Não verei nada, não escutarei nada, não saberei de nada. Você é livre, compreende — perfeitamente livre.’

“Ah, *messieurs*, será preciso que eu lhes descreva — *forcément*, vocês mesmos conhecem — esse arrepio, metade terror, metade prazer, que sentimos em momentos como esse? Desci lentamente, tentando o caminho; ouvia minha respiração e o arrastar de meus pés nas pedras; o resto era silêncio. No final da escadaria, minha mão encontrou um interruptor elétrico. Girei-o e um grande lustre de doze globos vermelhos inundou o porão com sua luz vermelha. E eis que eu não estava num porão, mas num quarto, num quarto grande, rico e vistoso, pintado de vermelho-sanguíneo de alto a baixo. Imaginai, *messieurs et dames!* Tapete vermelho no chão, papel vermelho nas paredes, pelúcia vermelha nas cadei-

ras, até o teto era vermelho; vermelho por toda parte, queimando os olhos. Era um vermelho pesado, sufocante, como se a luz brilhasse através de globos de sangue. Na extremidade oposta havia uma enorme cama quadrada, com colchas também vermelhas, e sobre ela jazia uma garota, vestida com uma túnica de veludo vermelho. Ao me ver, ela se encolheu e tentou esconder os joelhos sob o vestido curto.

“Eu havia parado à porta. ‘Venha aqui, minha franguinha’, chamei.

“Ela deu um gemido de medo. De um salto, eu estava ao lado da cama; ela tentou me evitar, mas a agarrei pelo pescoço — assim, estão vendo? —, apertado! Ela se debateu, começou a pedir misericórdia, mas segurei firme, forçando sua cabeça para trás e olhando fixo em seu rosto. Tinha vinte anos, talvez; seu rosto era o rosto largo e apático de uma criança estúpida, mas estava recoberto com tinta e pó de arroz, e seus olhos azuis e estúpidos, que brilhavam sob a luz vermelha, tinham essa expressão chocada e distorcida que só se vê nos olhos dessas mulheres. Era uma camponesa, sem dúvida, que os pais haviam vendido como escrava.

“Sem outra palavra, puxei-a da cama e a joguei no chão. E então caí sobre ela como um tigre! Ah, a satisfação, o incomparável enlevo daquele momento! Eis, *messieurs et dames*, eis aqui o que vou vos expor; *voilà l’amour!* Eis o verdadeiro amor, eis a única coisa no mundo pela qual vale a pena lutar; eis a coisa ao lado da qual todas as suas artes e ideais, todas as suas filosofias e crenças, todas as suas belas palavras e gestos nobres tornam-se tão pálidos e inúteis como cinzas. Quando se experimentou o amor — o verdadeiro amor —, o que resta no mundo que não pareça mais do que uma sombra do prazer?

“De forma cada vez mais selvagem, reiniciei o ataque. Repetidas vezes a garota tentou escapar; gritou novamente por clemência, mas ri de suas súplicas.

“Misericórdia!’, disse eu, ‘você acha que vim aqui para mostrar misericórdia? Acha que paguei mil francos para isso?’ Juro-vos, *messieurs et dames*, que, não fosse pela maldita lei que nos rouba a liberdade, eu a teria matado naquele momento.

“Ah, como ela gritou, que gritos amargos de agonia. Mas não havia ninguém para escutá-los; ali, sob as ruas de Paris, estávamos tão seguros como no coração de uma pirâmide. Lágrimas rolaram pelas faces da garota, levando consigo o pó de arroz em longas nódoas sujas. Ah, que momento irrecuperável! Vós, *messieurs et dames*, vós que não cultivastes as sensibilidades mais finas do amor, para vós tal prazer é quase inconcebível. E eu também, agora que minha juventude se foi — ah, a juventude! —, jamais verei de novo vida tão linda como aquela. Está acabada.

“Ah, sim, foi-se — foi-se para sempre. Ah, a pobreza, a pouca duração, o desapontamento da alegria humana! Pois na realidade — *car en réalité*, o que é a duração do supremo momento do amor? Não é nada, um instante, um segundo talvez. Um segundo de êxtase, e depois disso — pó, cinzas, nada.

“E assim, apenas por um instante, capturei a suprema felicidade, a emoção mais elevada e mais refinada que os seres humanos podem atingir. E no mesmo instante ela estava acabada, e eu fiquei — com o quê? Toda a minha selvageria, toda a minha paixão estava espalhada como pétalas de rosa. Fiquei frio e lânguido, cheio de arrependimentos vãos; em minha revulsão, senti mesmo uma espécie de piedade pela garota que chorava no chão. Não causa náuseas o fato de que sejamos presas de emoções assim tão inferiores? Não voltei a olhar para a garota; meu único pensamento era ir embora. Subi apressadamente os degraus da abóbada e saí para a rua. Estava escuro e terrivelmente frio, as ruas vazias, as pedras ecoavam sob meus calcanhares com um repique surdo e solitário. Todo o meu dinheiro se fora. Não tinha nem para o táxi. Voltei a pé sozinho para meu quarto frio e solitário.

“Mas eis, *messieurs et dames*, o que prometi vos expor. Isso é o amor. Aquele foi o dia mais feliz de minha vida.”

Ele era um espécime curioso, o Charlie. Retratei-o somente para mostrar como se podia encontrar tipos diferentes florescendo no bairro do Coq d’Or.

*